

REFLEXÕES SOBRE A PROBABILIDADE CIENTÍFICA

E AS CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DUM ULTRA-HUMANO ¹

I. PROBABILIDADE CIENTÍFICA E NATUREZA DO ULTRA-HUMANO

Periodicamente, no decurso da história do pensamento humano, produzem-se algumas alterações gerais devido à súbita alteração, a nossos olhos, das dimensões do Universo, num ou noutro ponto.

Entre estas alterações, figura, evidentemente, em primeira linha (porque mais tangível e espectacular), a aparição recente, no nosso campo de experiência, da noção do Ínfimo e do Imenso, sob toda a espécie de formas *reais* (numéricas, temporais e espaciais) estreitamente associadas: incríveis multidões de existências minúsculas, muitas vezes incrivelmente curtas, no meio dum Universo incrivelmente grande.

Menos notado (porque mais fugaz), mas muito mais revolucionário ainda do que estas alterações de escala cósmica, eu gostaria, nas páginas que se seguem, de assinalar e analisar o fenómeno mental em virtude do qual, neste preciso momento, despertamos colectivamente para a consciência de três movimentos, simultaneamente tão lentos que tinham escapado, até aqui, à nossa atenção, e tão universais que interessam e tocam as profundezas, até aqui reputadas das mais metafísicas, e, portanto, as menos intercambiáveis, do nosso ser:

- um movimento cósmico (ou **Cosmogénese**),
- que se precisa num movimento orgânico (ou **Biogénese**),
- completando-se, ele próprio, num movimento reflexivo (ou **Antropogénese**)

Três movimentos, repito – ou, mais exactamente, três fases dum único e mesmo movimento – cuja sucessão (tomada, por ordem de evidência decrescente e, ao mesmo tempo, de interioridade crescente) pode ser descrita como segue.

a. *O Movimento cósmico (Cosmogénese)*

Da mesma maneira que seria necessário fazermos-nos hoje uma violência intolerável para tentar ver nas estrelas do céu apenas uma poeira de sóis, também (sem que nos demos conta) tornou-se-nos sub-repticiamente impossível olhar o Mundo à nossa volta como uma construção *ne varietur*, artificialmente montada dum só golpe. No espaço de dois ou três séculos, sob o efeito convergente de múltiplas influências (todas elas ligadas a uma invasão dos nossos conhecimentos pela História), o Universo deixou de nos ser representável sob a forma de harmonia estabelecida para passar a tomar decididamente o aspecto dum sistema em movimento. Não mais uma *ordem*, mas sim um *processo*. Não mais um Cosmos, mas sim uma Cosmogénese.

¹ Tomo 7 das Obras Completas de Teilhard de Chardin, Éditions du Seuil, Paris, 1963, pág. 279-291 (tradução da responsabilidade da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal, 2019)

Nos nossos dias, ouvimos, a torto e a direito, falar-se muito, pró ou contra, numa «evolução», entendida ainda no sentido restrito e ultrapassado de «transformismo» (ou muito simplesmente de «darwinismo»!). Gritemos bem alto que, no verdadeiro e novo sentido da palavra, a Evolução se tornou, para a Ciência, realmente numa outra coisa, muito maior e mais segura do que tudo isso. Expressão da lei natural (tanto do «ser» como do conhecer), em virtude da qual *nada, absolutamente nada*, vemo-lo hoje, teria podido entrar na nossa vida e visão senão por *via de nascimento*² – por outras palavras, sinónimo da «pan-interligação» temporo-espacial do Fenómeno –, a ideia da Evolução deixou de ter algo em comum, e de há muito tempo (mesmo que ainda hoje se repise no contrário), com a ideia de uma hipótese. Mas, tomada no sentido geral de «cosmogénese», constitui o único quadro dimensional em que pode funcionar, a partir de agora, a nossa faculdade de pensar, de investigar e de criar. E, desde logo (considerada, insisto, num primeiro grau, por mais vago que ele seja, de «tomada de consciência dum movimento cósmico»), não só ela deve ser considerada *segura*, como ainda seria necessário intelectualmente desesperar de todo o espírito que não visse que ela forma, agora e já, a trama de todas as certezas.

b. O Movimento orgânico (Biogénese)

De per se, uma Cosmogénese pode ter toda a espécie de figurações. Por exemplo, poderia ser imaginada, *a priori*, quer como uma agitação desordenada, em vias de dissipação («pseudo-cosmogénese»), quer, ao contrário («eu-cosmogénese»), como um processo *dirigido*, o qual, por sua vez, poderia propagar-se, tanto (à maneira dum raio em meio amorfo) igualmente em todas as direcções, como (tal como a luz em meio anisotrópico) encontrar-se polarizada segundo determinados eixos privilegiados.

Na realidade experimental das coisas, qual destes diferentes tipos de Evolução devemos adoptar?

Sobre esta importante questão (que, inevitavelmente, não poderá tardar muito a ter a sua resposta) não me parece que a Ciência tenha já tomado *explicitamente* uma posição definitiva. Implicitamente, contudo, não me parece duvidoso que, com todo o seu peso, ela se oriente já na direcção do reconhecimento e admissão duma Cosmogénese *dirigida*, a ser ulteriormente definida por um eixo principal de Complexidade-Consciência (ou de «Corpusculização»), cuja natureza, uma vez mais, em breves palavras, eu gostaria de fazer compreender.

À simples palavra de «cosmogénese dirigida», a primeira reacção do nosso espírito desconfiado é de virar-se para a impressionante deriva «mássica», segundo a qual, obedecendo às forças da gravidade, uma Matéria pulverulenta, inicialmente revolta em galáxias, se agrega finalmente, no Espaço, em astros definidos. O eixo principal do Mundo em movimento: porque não uma linha directa dos Átomos até às Estrelas?

É a esta visão «astronómica» das coisas que, se não estou enganado, se opõe, a pouco e pouco, até a suplantá-la brevemente, uma perspectiva muito diferente: a «biológica», constituindo um movimento, não já de gravitação agregadora, mas de complexificação organizadora. De início, ainda, o extremamente simples, o extremamente pequeno, e (talvez) o extremamente breve.

² Ou seja, em função de antecedentes ligados, eles próprios, à totalidade dos estados anteriores do Universo.

Mas, a partir desta origem comum, um outro ramo, totalmente diferente, desta vez já não ascendente em direcção às enormidades estelares, mas desenvolvendo-se através da edificação de moléculas sempre mais formidavelmente poliatómicas, rumo à célula e ao multicelular, inclusivamente até ao Homem. Neste caso, eixo dirigido, não do Ínfimo à Imensidade de densidade e de massa, mas do Elementar ao Imenso em Complexidade.

Para apreender esta nova directriz cósmica, a Ciência teria de franquear dois degraus difíceis. O primeiro consistiria em detectar um elo genético no interior do mundo das moléculas, por um lado, e, por outro, entre espécies de seres vivos (toda a obra analítica e sistemática do século XIX!); em seguida, uma vez feito isto, descobrir (até à evidência) a possibilidade de juntar as pontas destes dois segmentos de curva. O segundo degrau seria o de se habituar à ideia de que um fenómeno, tão (aparentemente) excepcional como a Vida, pudesse ser olhado seriamente como representando o termo extremo e específico do físico-quimismo universal.

No ponto em que nos encontramos, repito, ainda não poderíamos afirmar que esta dupla aquisição intelectual esteja já expressivamente adquirida na mente de todos os técnicos da Matéria orgânica ou organizada. Porém, quanto à existência geral duma Evolução, a unanimidade é inevitavelmente completa (de outro modo, não poderíamos jamais compreender-nos nem trabalhar); mas já no que toca à figura particular deste grande movimento, persiste ainda, na atitude de muitos sábios, uma certa hesitação. Mas isto, penso eu, muito mais por reserva ou timidez de expressão do que por incerteza de fundo.

De facto, e seja o que for que se diga, a ideia de um Universo deslocando-se, principal e especificamente, rumo a estados de superorganização mensuráveis, em valor absoluto – por um aumento de interiorização e de centramento psíquicos –, a ideia de um tal Universo, dizia eu, está claramente em crescimento por, a todo o momento, estar implicada no movimento irresistível que, depois de ter definitivamente unido a Física e a Química, reaproxima agora, ao menor novo impulso dos factos e cada vez um pouco mais, os dois domínios exterior e interior («objectivo» e «subjectivo») de Matéria e Psique.

De tal maneira que, por deslizamento natural e lógico do problema, a verdadeira questão – viva e ardente – que a noção de Evolução coloca presentemente ao espírito científico já não é tanto a de saber se, reconduzida à sua essência, a Cosmogénese é uma Biogénese, mas antes de decidir se, nesta mesma Biogénese, não será possível discernir também um eixo principal, passando pelo Fenómeno humano.

c. *O Movimento reflexivo (Antropogénese)*

Consideremos, em nós e à nossa volta, o jogo natural das partículas humanas, ou seja, dos corpúsculos mais avançados possível (para a nossa Ciência) sobre o eixo cósmico de Complexidade-Consciência. Só a acção obstrutiva do hábito³ sobre o nosso espírito, nos pode velar os olhos ao poder, singular e maravilhoso, apresentado por estas moléculas «reflexivas», de se agruparem entre si, sob a pressão planetária, de maneira a formar um sistema em estado de contínua super-reflexão. Efeito de socialização, bem entendido, ou seja, extensão

³ Unido ao preconceito, solidamente enraizado, tanto no «materialista» como no «teólogo», de que a Biologia pára nas fronteiras do Humano.

hominizada dum propriedade comum a qualquer matéria organizada; mas extensão que atinge (como a própria Reflexão em relação à consciência directa do Pré-humano) simplesmente uma alteração de ordem.

Estou profundamente convencido de que é face a este grande acontecimento, *biologicamente interpretado*, da totalização humana, que a Ciência moderna se verá inevitavelmente conduzida a dar, dentro em breve, o seu terceiro passo (o mais sério de todos) em direcção a uma concepção cada vez mais consistente, mais precisa, da noção de Evolução.

Mesmo no caso de especialistas da Vida e da Paleontologia, fica-se surpreendido ao constatar como, tantas vezes ainda, o Homem é ingenuamente encarado, quer como uma espécie que atingiu um ponto morto de estagnação, quer, quando muito, como um feixe qualquer prolongando-se linearmente sobre si, à maneira dos Cavalos ou dos Elefantes.

Pois bem, digo eu, é esta visão redutora e estática que é revertida pela ideia, ainda jovem (mas quão viva!) dum grupo zoológico humano, o qual, bem longe de representar um simples ramo terminal, corresponderia, realmente, a um jorro original e transformador (através dum limiar caracterizado) da Evolução sobre si mesma: tipo e plataforma superior de arranjo cósmico, onde, graças às propriedades específicas dum meio psíquico reflexivo, a convergência toma o lugar da divergência das escamas evolutivas, a tal ponto que a corpusculização da Matéria, a este nível, chega a operar, já não somente por aglomeração de átomos, moléculas ou células, mas por síntese ultra-reflexizante, «indivíduos reflexivos» completos...

Não entrarei aqui no detalhe dos factos para justificar, à luz da Ciência, esta hipótese dum prolongamento e generalização, através do Homem, da lei cósmica de Complexidade-Consciência: Individuação, Expansão e Consolidação, cada vez mais manifestas, dum Noosfera terrestre, acompanhadas do Estabelecimento, cada vez melhor marcado no seio desta por um regime de Auto-evolução inventiva; transposição efectiva, sob o efeito arcobotante dos espíritos, de novos patamares de consciência (como o que foi mencionado acima, fazendo-nos aceder à noção geral de Cosmogénese), etc.

Aquilo sobre que, ao invés, preciso de insistir, é a iminência e a gravidade da mudança ou mutação psíquica que, devido a uma melhor apreciação do Fenómeno humano, nos vai fazer emergir, a todos e em breve, para a percepção habitual dum ultra-evolução da Vida terrestre em direcção a estados cada vez mais organizados e interiorizados. À nossa frente, doravante, no Tempo, não apenas um número maior de homens; nem mesmo apenas uma maior intensidade de humanidade; mas a concentração de todo o Humano num único sistema co-reflexivo, de dimensões planetária.

A antropogénese, eixo profundo da Biogénese. Propagando-se, como um feixe de raios convergentes, na direcção de algum Foco ardente. O Humano que, a pouco e pouco, de alguma maneira, se «mono-moleculiza», por ultra-hominização...

Não ousarei dizer, bem entendido, que esta possibilidade seja já comumente encarada.

Mas, sob pena de incoerência científica, não vejo como poderíamos, a partir de agora, escapar-lhe, nem sequer evitar, entretanto, que a ascensão obscura desta evidência perturbe, no fundo dos corações, o velho e tradicional jogo das forças da Religião.

II. CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DA EXISTÊNCIA DUM ULTRA-HUMANO: UMA CRISTOGÉNESE EM QUE SE RECONCILIAM O EM-CIMA E O EM-FRENTE

Ter-se reconhecido que o Universo se desloca evolutivamente na direcção dum Cume de consciência, que ele tem uma «Cabeça», não tem somente uma grande importância física (na medida em que se descobre, à nossa frente, a possibilidade de arranjos físico-psíquicos de ordem ainda desconhecida), como mesmo uma grande importância metafísica (na medida em que o acto de Reflexão cessa de ser uma simples operação individual de dialéctica mental cósmica⁴). Justamente e sobretudo no domínio místico, é inevitável que a percepção recentemente adquirida dum movimento de convergência ontológica suscite inquietudes e obrigue a reajustamentos profundos.

Eis porquê.

No seu conjunto, até agora, a ideia de *espírito* apresentou-se sempre à consciência humana como ligada a algum movimento *ascensional*, levando a alma para o Céu *por negação* (ou, pelo menos, *por desprezo*) dos valores terrestres. De maneira que, para os «perfeitos», o Divino (qualquer que fosse a sua forma, impessoal ou pessoa, imanente ou transcendente) representava invariavelmente uma espécie de Em-Cima, para aceder ao qual era necessário, «por definição», escapar aos determinismos e aos atractivos das coisas corporais em que estamos mergulhados.

Ora, é precisamente a 90º (se ousar dizer) desse polo tradicional de sublimação e de santidade que, como consequência da *cefalização* na Evolução, se eleva, neste momento, perante os nossos olhos enviesados, um segundo foco de espiritualização e de divinização: o Espírito, já não em discordância, mas em *concordância*, com um super-arranjo do Múltiplo fenomenológico! A Saída, não já em cima, num qualquer Sobrenatural transcendente, mas em frente, na imanência dum Ultra-humano...

Um conflito aparente, ou, dito de outra maneira, entre duas imagens, uma vertical, a outra horizontal, de Deus.

Duma forma esquematizada, eis – disso estou cada dia mais convencido – a fonte profunda das querelas religiosas que atravessamos.

Num Mundo subitamente tornado demasiado grande e demasiado orgânico, a Humanidade perdeu, momentaneamente, o seu Deus.

Para remediar esta situação de *divisão*, um certo sobrenaturalismo teimoso não recuaria, sei-o, perante a ideia dum Universo *bicéfalo*, onde a escolha seria efectivamente proposta ao Homem entre *duas* consumações (uma natural, a outra sobrenatural) do Mundo. Mas, no que me diz respeito, um tal «dualismo dinâmico», pela enorme dose de arbitrário (para não dizer, de incoerência...) e pelo enorme desperdício de energia que arrasta, parece-me absolutamente inviável e inaceitável.

⁴ Deste modo, o Pensamento convertendo-se em Noogénese (exactamente como o Cosmos em Cosmogénese e o Homem em Antropogénese)

Pelo contrário (e, na medida em que, como aqui admitido, a ideia duma Cosmogénesse convergente está destinada a amanhã formar parte integrante e essencial da herança psicológica humana), nada me parece mais realizável e fecundo (e, portanto, mais iminente) do que uma síntese entre o Em-Cima e Em-Frente, num Devir de tipo «crístico», em que o acesso ao Hiper-pessoal transcendente se descobriria condicionado pela acessão prévia da consciência humana a um ponto crítico de Reflexão colectiva: o Sobrenatural, desde logo, não excluindo mas reconquistando, pelo contrário e a título de preparação necessária, a maturação completa dum Ultra-humano⁵.

É fácil de ver as imensas vantagens que representaria, para o futuro da Energia humana, uma tal transfiguração da Antropogénesse, reconhecida como idêntica, no fim de contas, a *uma Cristogénesse*. Fim, por um lado, das ansiedades duma adoração insatisfeita e dividida. Fim, por outro, das angústias dum despertar reflexivo para um Mundo cego e fechado. E, em lugar destas sombras, uma grande luz.

Já o disse cem vezes. Mas tenho de o repetir mais uma vez.

Neste momento, o que o Homem espera, e aquilo que o faria morrer se não o encontrasse nas coisas, é um *alimento completo* para alimentar nele a paixão do mais-ser, isto é, da Evolução.

Ora, num Universo arrebatado e animado por uma Cristogénesse, é esta mesma paixão que se encontra transportada a um paroxismo de si própria, graças a um máximo de valor conferido às forças de disposição e a um máximo de campo aberto às forças de adoração.

«Em verdade, quanto mais reflectimos nesta notável harmonização e ressonância, ao longo dum determinado eixo humano-cristão, das diversas componentes maiores (físicas e psíquicas) duma Cosmogénesse que ninguém poderia doravante negar seriamente, quanto mais nos pusermos a pensar que o acontecimento característico do nosso tempo, muito longe de ser (como ainda se ouve dizer) o declínio de Deus *nos nossos espíritos e corações*, anuncia-se, pelo contrário, como um renascimento inaudito d'Este *no Universo, sob a forma de amor-energia*, a favor e no seio duma Matéria que se tornou para nós a sede e a expressão de *um Evolutivo convergente*.

Pelo encontro dinâmico na consciência humana (após um milhão de anos de Reflexão!) do Céu e da Terra enfim posto em movimento, não somente um Mundo que consegue sobreviver, mas um Mundo que se incendeia».

Paris, Páscoa, 25 de março de 1951

⁵ O autor retoma, aqui, a doutrina de santo Ireneu, que lhe era cara: Deus eleva o homem por fases no decurso da história. «Era necessário que o homem fosse primeiro criado, depois que crescesse, depois que se tornasse homem, depois que se multiplicasse, depois que ganhasse forças, depois que atingisse a glória e que, chegado à glória, ele visse o seu Mestre» (*Demonstração*, livro IV, c. 38) (N.D.E.)